

Mundos oníricos do/no ensino da Arte: os sonhos na educação infantil

Silvia Carolina Brandão da Costa¹
Thamiris de Freitas Brandão²

Resumo

Este artigo trata de um diálogo entre os temas sonhos e imaginação, museus e a História da Arte, mais especificamente, o surrealismo. Ao pensar a criança no contexto do ensino da Arte, opta-se por fazer um recorte ao analisar os diferentes conteúdos que dialogam com os campos de experiência na Educação Infantil. Adota, em termos teóricos metodológicos, a abordagem histórico-cultural no campo da psicologia vigotskiana e dialoga com Ostetto (2011), Martins e Picosque (2012), Foerste, Ferreira e Uliana (2018) para pensar a criança, a imaginação e os equipamentos culturais. Para o *corpus* de análise, utiliza eventos ocorridos durante o Estágio Curricular Supervisionado do Ensino das Artes Visuais na Educação Infantil. Finaliza pondo acento na importância de diversificar atividades e recursos para potencializar a imaginação, os mundos oníricos do/no ensino da Arte nas salas de atividades da Educação Infantil.

Palavras-chaves: Educação Infantil. Arte. Surrealismo. Criança.

Abstract

This article deals with a dialogue among themes as dreams and imagination, museums and the History of Art, more specifically, the surrealism. When thinking about the child in the context of Art teaching, chooses to make a cut when analyzing the different contents that dialogue with the fields of experience in Early Childhood Education. It adopts as methodological theoretical terms the historical-cultural approach in the field of vigotskian psychology and, dialogues with Ostetto (2011), Martins and Picosque (2012), Foerste, Ferreira and Uliana (2018) to think about the child, the imagination and the cultural equipment. For the corpus of analysis, it uses events that occurred during the Supervised Curricular Internship of Visual Arts Teaching in Early Childhood Education. Finally, it emphasizes the importance of diversifying activities and resources to enhance the imagination, the dream worlds of Art teaching in the rooms of activities of Early Childhood Education.

Keywords: Child education. Art. Surrealism. Kid.

¹ Estudante do Curso de Artes Visuais da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES. *E-mail:* <silviaacarolina@gmail.com>

² Estudante do Curso de Artes Visuais da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES. *E-mail:* <thamirisebk@gmail.com>

Introdução

Ao longo da vida vamos formando percepções de acordo com o que perpassa o cotidiano, desde a nossa infância. Com isso, adquirimos experiências que vão constituindo o nosso pensar e agir perante diversas situações. As inúmeras vivências (sejam elas de cunho acadêmico, social ou familiar) se fazem de suma importância para o crescimento pessoal e profissional do ser humano, o qual, mediante a essa questão, tem a oportunidade de fazer, ver e rever conceitos que lhe foram ensinados.

Pensando no campo das graduações, principalmente as destinadas à Educação, o conhecimento alcançado através dos estudos teóricos pode ser colocado em exercício através das disciplinas de Estágio Supervisionado, que possibilitam ao estudante graduando experienciar e conhecer o seu futuro campo de atuação.

Nesse contexto, este artigo pretende abordar um relato do Estágio Curricular Supervisionado do Ensino das Artes Visuais na Educação Infantil, realizado no ano de 2019 no município de Vitória (ES), em duas turmas compostas em média por 25 crianças em cada grupo, sendo um grupo na faixa etária dos quatro anos e o outro dos cinco.

É importante ressaltar que a escola escolhida para fazermos a intervenção contemplava apenas um profissional dinamizador na área em que abrange nossa formação (Artes Visuais), desse modo, nos dividimos e apenas uma acompanhou a rotina da sala de atividades de Arte.

Ao trabalharmos a Arte na Educação Infantil, decidimos abordar questões que atravessam a fase da infância de forma intensa, como a brincadeira, a imaginação, os sonhos e a ludicidade. Neste sentido, após esta introdução faremos uma pequena revisão de literatura a partir de autores como Ostetto (2011), Martins e Picosque (2012), Foerste, Ferreira e Uliana (2018), os quais discutem em seus textos experiências e proposições de recursos didáticos e, também, o ensino da Arte na Educação Infantil.

Em seguida, no subtítulo *No mundo dos sonhos: vivências e práticas* apresentaremos o plano de atividades que elaboramos após observarmos as crianças e a prática das professoras regentes. Nessa perspectiva, organizamos três intervenções que serão analisadas à luz das teorias voltadas para a Arte na Educação Infantil. Entretanto, cada intervenção será descrita de acordo com os grupos em que atuamos, a saber: *Grupo 4 – A grande boca e o Grupo 5 – Grandes olhos*.

Por fim trataremos nossas considerações finais refletindo sobre o processo

percorrido e a importância dele, além de avaliarmos como essa atividade contribuiu para a nossa formação inicial como professores de Arte.

Crianças, Museus e História da Arte

Ao pensarmos a criança no contexto do ensino da Arte, optamos por fazer um recorte ao analisarmos os diferentes conteúdos que dialogam com os campos de experiência na Educação Infantil. Esse recorte se faz presente também, ao elaborarmos as atividades relativas ao ensino da Arte, pois compreendemos que podemos utilizar os mais diversificados materiais e recursos tecnológicos para mediarmos o conteúdo a ser ensinado. Portanto, optamos, nos limites desse texto, pensar um diálogo entre os temas sonhos, imaginação, museus e a História da Arte, mais especificamente, o surrealismo.

Para Ostetto (2011), promover o encontro com diferentes linguagens e ampliar o repertório das crianças auxilia no desenvolvimento da expressão e nutre a capacidade de fantasiar, criar e inventar dos pequenos. Nessa perspectiva, consideramos a imaginação um dos fatores principais nesse contexto, a qual o professor/dinamizador pode incentivar por meio de diferentes e criativas atividades. De acordo com Cunha (1999), é preciso

[...] abastecer as crianças de outros elementos produzidos em outros contextos e épocas, como, por exemplo, as imagens da história da arte, fotografias e vídeos, objetos artesanais produzidos por culturas diversas, brinquedos, adereços, vestimentas, utensílios domésticos, etc (CUNHA, 1999, p. 14 *apud* OSTETTO, 2011, p.6).

Buscar contemplar algumas vertentes da História da Arte, como pontuado acima, pode ser um viés enriquecedor para as práticas educativas na e para a Educação Infantil, no qual, de acordo com Ostetto (2011, p. 5), a arte torna-se “[...] um conjunto de técnicas e instruções para o exercício de habilidades específicas (os “trabalhinhos” e as “atividades artísticas vão por esse caminho)”, ou seja, há uma preocupação maior com o produto final que com o processo, causando um distanciamento entre a criança e o conteúdo. A prática do diálogo acerca do que está sendo ensinado é válida nessa ou em qualquer faixa etária. Segundo a autora, ela vê o educador como “[...] pessoa-chave para mediar os caminhos da criança no mundo simbólico da cultura, da arte” (OSTETTO, 2011, p. 13).

Para pensarmos o contexto da História da Arte em prol dos pequenos, escolhemos

o Surrealismo como ponto de partida e assim, exemplificamos as palavras que trazemos de Ostetto (2011) no parágrafo anterior. Sabemos que o movimento adentra as questões de percepção, da fantasia e dos sonhos, assim, a transposição didática e reformulação do conteúdo nos permitiu a possibilidade de elaborar a ideia em destacada pela autora. Direcionamos parte da História da Arte dentro deste campo representativo e ao mesmo tempo lúdico, que a autora expõe como tarefa do professor.

Para nos auxiliar na condução da atividade dentro da perspectiva surrealista, o que poderia ser utilizado como ponte entre os aspectos decorrentes ao tema e a criança pequena? Walter Benjamin (2005, p.135) traz uma possível resposta ao afirmar que o “museu enquanto espaço... suscita sonhos”. Ao concordarmos com Benjamin reiteramos que, poderíamos, a partir dessa assertiva, considerar esse um meio de introduzir o tema que desejávamos. Não obstante, questionamos agora se esses locais, mais especificamente os museus, são espaços pensados para todos os públicos, independentemente da idade. Segundo as autoras Foerste, Ferreira e Uliana (2018),

As crianças pequenas raramente visitam os museus. Quando o fazem, estão em companhia dos pais e não são percebidas, pois assim a presença delas não causa estranhamento. [...] Nas pesquisas realizadas nesses locais, percebeu-se um constrangimento dos adultos responsáveis pelas visitas guiadas. Eles externaram que não tinham preparo para a mediação com esse público, conforme constatou-se nesta pesquisa (2018, p. 172).

Destacamos o trecho acima, pois ele responde a nossa pergunta anterior. Percebemos assim, que não se pensa nos pequenos como imaginamos. Segundo Benjamin, se este local é propício aos sonhos, como podemos excluir as crianças desses espaços conforme lemos na citação acima? Se é justamente nessa fase que a capacidade de fantasiar e sonhar sem se preocupar com o pré-julgamento adulto acontece. Para os escritores Vygotsky, Luria e Leontiev, a imaginação é aquela que,

[...] nasce da discrepância entre a operação e a ação; assim, não é a imaginação que determina a ação, mas são as condições da ação que tomam necessária a imaginação e dão origem a ela (VIGOTSKI; LURIA; LEONTIEV, 2010, p. 127)

Nesse âmbito, o professor, enquanto mediador, precisa buscar alternativas para a escassez de referências que as crianças apresentam, como proporcionar visitas a esses espaços ou trazê-lo para a sala de atividades utilizando o recurso da tecnologia. Ostetto (2011) elabora algumas perguntas que nos fazem refletir acerca desses espaços de Arte:

Temos muito que aprender no diálogo com a arte, com os artistas e as suas obras, com os museus e espaços culturais. Você já reparou na diversidade de formas das exposições realizadas nos espaços museais? Na multiplicidade de cenários que são constituídos para expor diferentes obras? [...] (OSTETTO, 2011, p.9).

De acordo com a autora, os museus e espaços culturais são locais potentes de aprendizagens, mas o que fazer quando eles não são tão acessíveis? Compreendemos que a utilização de mecanismos singulares como os museus virtuais, permitem-nos criar relações entre as crianças e esses espaços de ensino-aprendizagem. Ao propormos atividades voltadas para a visita em museus, quebramos diversos paradigmas, dentre eles, os que acompanham as crianças desde cedo ao coloca-las à margem desses aparelhos culturais. Pensar esses espaços para as crianças é construir uma nova ideologia do que seria um museu, onde ele se encontra e o que se expõe nele, pois certamente, eles serão capazes de aguçar ainda mais a imaginação e a criatividade das crianças.

Outra via pela qual podemos trabalhar a imaginação, os devaneios das crianças pequenas, que é um dos artifícios mais comuns encontrados nas instituições de ensino e que, infelizmente, vem perdendo o seu espaço, são os livros infantis. As contações de histórias, a leitura deleite, ou até mesmo o folhear das páginas para observar ilustrações vêm sendo menos praticados.

Martins e Picosque (2012) em seus escritos sobre objetos propositores, traz o livro como suporte de múltiplas funções. Segundo as autoras, “[...] Alguns mantêm a narrativa visual como proposta de leitura, outros conduzem a leitura com narrativas verbais e visuais, mas todos se tornam um grande companheiro de aventuras, sonhos e desafios” (MARTINS; PICOSQUE, 2012, p.83).

O livro torna-se, então, instrumento para a mediação de diversas atividades, sejam elas uma simples leitura de imagem das cenas que acontecem, ou até mesmo brincadeiras. Ele se torna elemento simbólico nas práticas e vivências na sala de atividades. Martins e Picosque (2012), fundamentadas em Vigotski (1987), ressaltam que nem sempre a brincadeira quando referida a um jogo é a única opção de prazer da criança durante sua infância, para elas, existem outros afazeres que trazem essa sensação e que não são consideradas como um jogo.

Vigotski (1987), não desconsidera a brincadeira, ele inclusive a coloca como a principal atividade da infância, porém, em seguida elenca o desenho. Para ele, ambos contribuem como formas de acesso a investigações acerca da interação desses sujeitos,

definindo o brincar como,

[...] uma atividade humana criadora, na qual imaginação, fantasia e realidade interagem na produção de novas possibilidades de interpretação, de expressão e de ação pelas crianças, assim como de novas formas de construir relações sociais com outros sujeitos, crianças e adultos (VIGOTSKI, 1987, p.35).

Podemos perceber de acordo com esses autores, que muitas são as atividades, espaços artístico-culturais e objetos que influenciam e possibilitam ao profissional da educação criar situações que agreguem o aprendizado voltado para o ensino da Arte aos conteúdos ministrados para as crianças da Educação Infantil. Nesse sentido, assim como as demais fases do ensino, devemos voltar nossa atenção para as crianças pequenas e proporcionar cenários e condições que contribuam para que esses sujeitos se apropriem dos contextos histórico-culturais, ampliando assim, sua imaginação e criatividade.

No mundo dos sonhos: vivências e práticas

A escola em que desenvolvemos o estágio está situada na cidade de Vitória-Espírito Santo, e atende crianças na faixa etária entre seis meses a cinco anos. Nesse Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) o espaço como um todo é bem adequado aos pequenos, durante o tempo em que estivemos inseridas, observamos duas turmas ao longo de doze semanas (uma vez na semana) divididas na sala de Arte com a professora dinamizadora da área e na sala de atividades com a professora regente.

Nesse período foram observados vários óbices para o aprendizado em Arte das crianças. Um deles, que nos chamou muita atenção, foi a forte tendência ao individualismo. Compreendemos que nessa fase as crianças possuem um comportamento mais egocêntrico, entretanto, elas não compartilhavam e não dividiam praticamente nada, o que tornava difícil o desenvolvimento de atividades coletivas engendrando uma intervenção imediata do professor.

Além disso, destacamos ainda, a existência de uma visão romantizada da criança como um ser passivo e que necessita de cuidados excessivos, pois notamos a preocupação exacerbada dos pais com atividades que fugissem da rotina do dia a dia escolar, como o uso de materiais diversos que levassem as crianças a ficarem, por exemplo, sujas de tinta. Qualquer coisa diferente já causava o estranhamento.

Com essas observações, podemos perceber o quão rasas estavam as

experimentações, as experiências, as referências artísticas, as relações e os estímulos, pontos que consideramos fulcrais ao trabalharmos o ensino da Arte com as crianças pequenas.

Após esse período de observação, elaboramos o projeto na tentativa de suprir as necessidades constatadas, assim intitulamos os trabalhos de “No mundo dos sonhos”, no qual tratamos o conteúdo surrealista pensando na expressão da criança e dando ênfase ao artista Salvador Dali. As atividades foram divididas em três momentos em que buscamos levar conhecimento sobre o movimento surrealista e também a ferramenta midiática, o museu virtual. Objetivávamos ainda, refletir sobre o conteúdo por meio de ilustrações e experimentar novas maneiras de exercitar a imaginação, sempre de forma lúdica, brincante e com um vocabulário de fácil entendimento.

Propusemos então seis atividades para os três encontros que teríamos com cada Grupo. Para o primeiro encontro, planejamos a visita ao Museu Virtual de Salvador Dali e o desenho dos sonhos; para o segundo encontro, contação de história e intervenção nas obras de Dali com colagens; para o terceiro encontro, planejamos o vídeo “A galeria de Arte de Massinha - Salvador Dalí”, um episódio da série de animação suíça da TV Escola e, por fim, a montagem de diferentes quebra-cabeças.

Dispomos a eles quebra-cabeças de quatro artistas surrealistas e suas respectivas obras: Salvador Dalí – *The Persistence of Memory* (A Persistência da Memória), Dorothea Tanning – *Unlit* (Figurino de Bayou), Remedios Varo – *Papilla Estelar* e Vladimir Kush - *Arrival Of The Flower Ship* (Chegada do navio da flor).

Ressaltamos a importância de levarmos para dentro de sala de atividades referências de artistas mulheres, para que as crianças tenham um momento de descontração e uma experiência divertida, pois os jogos a partir da ótica do lúdico, do bem-estar coletivo, podem se transformar em provocadores de mediação.

Como encerramento da proposta de intervenção, optamos por fazer um círculo para um bate-papo com as crianças e as professoras regentes a respeito das atividades desenvolvidas.

Essas foram as nossas proposições, entretanto, como as atividades aconteceram em salas diferentes, a saber, Grupo 4 e Grupo 5, entendemos que, mesmo sendo iguais, os sujeitos eram diferentes, ou melhor, os grupos eram díspares, portanto, os processos e os resultados tornaram-se singulares também. Assim, destacamos agora, o contexto processual de cada grupo a partir das nossas percepções/anotações acerca das atividades desenvolvidas.

Grupo 4 – A grande boca

As crianças demonstraram muito interesse pelo o uso da tecnologia em sala, algo que não é corriqueiro da escola, mesmo sendo uma ferramenta midiática que, especificamente no CMEI, onde ocorreu o estágio, encontra-se disponível. Nessa perspectiva, o museu virtual “Casa Salvador Dalí³” projetado no quadro digital foi uma novidade, e eles adoraram o sofá criado pelo artista que se encontrava em um dos cômodos do museu. Era um sofá de boca que perdurou na cabeça das crianças até a semana seguinte.

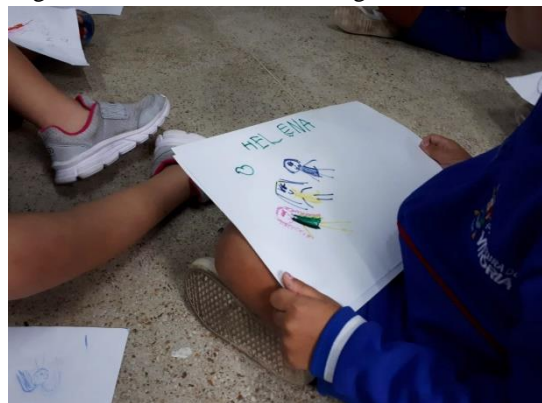
Na próxima atividade, percebemos que ao propormos o desenho dos sonhos, algumas crianças ainda estavam muito presas aos desenhos prontos, assim, quando a proposição era pensar, imaginar, muitas delas diziam que não sabiam fazer. Nesse sentido, a mediação e diálogo fizeram com que a participação fosse mútua e resultasse em algo desafiador, a busca pelo inconsciente e também a manifestação de alguns medos e desejos (Figuras 1 e 2).

Figura 1: Monstro verde sem cabeça e sem perna



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 2: Brincando com as amigas



Fonte: Arquivo Pessoal

Na segunda semana eles começaram super empolgados. Ficamos surpreendidas, pois ao levarmos uma imagem do Dalí, nem precisamos dizer o nome que já começaram a falar exclamando – É o Salvador Dalí! O homem do “bigodão”.

Fizemos um resumo do que foi visto no último encontro, e após, contamos a história sobre o artista Salvador Dalí utilizando o livro *Laura e Lucas descobrem: Salvador Dalí*, um dos trinta livros infantis da edição especial pintores para crianças do

³ Disponível em < <https://www.salvador-dali.org/en/museums/dali-theatre-museum-in-figueres/visita-virtual/> > Acessado em 25 jun. 2019, às 08h51min.

jornal Folha de São Paulo, em seguida, distribuímos imagens de obras surrealistas para que eles fizessem intervenções com colagens nelas (Figura 3).

Na atividade de colagem, foi preciso ensinar a utilizar a cola e era notório como as crianças estavam acostumadas que alguém passasse cola para elas nas imagens. Colavam pelo ato de colar e, como uma brincadeira, não tinham uma finalidade aparente, queriam colar na folha inteira e sem parar. Foi preciso dispor folhas em branco para que fizessem suas próprias composições.

Entretanto, ao sentarmos na roda de conversa, elas souberam se colocar, esperando a vez de falar, dizendo do que gostaram e do que não gostaram, além de suas atividades favoritas (Figura 4).

Figura 3: Intervenção com colagens na obra



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 4: Roda de conversa sobre a colagem



Fonte: Arquivo pessoal

No terceiro e último encontro, assistimos ao vídeo “Galerinha de Arte de Massinha – Salvador Dali”⁴ (Figura 5) e, posteriormente, dividimos a turma em dois grupos para podermos montar os quebra-cabeças das obras e dos artistas. Conforme pontuado, as crianças do Grupo 4 tinham muita dificuldade em dividir, em brincar junto, e a escolha do brinquedo quebra-cabeça foi justamente para podermos trabalhar com elas a questão da cooperação e da partilha.

Inicialmente a brincadeira não estava dando certo, devido ao fato de não saberem interagir em grupo e segurarem as peças para elas mesmas, entretanto, no decorrer da montagem, elas foram percebendo que era preciso entregar a peça para o próprio grupo, senão elas não conseguiriam terminar antes do outro grupo (Figura 6). Segundo Leontiev (1988)

² Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=IO6hm7B5yPo>> Acessado em 21 jun. 2019, às 18h11min.

[...] o brinquedo é caracterizado pelo fato de seu alvo residir no próprio processo e não no resultado da ação. Para uma criança que está brincando com cubos de madeira, por exemplo, o alvo da brincadeira não consiste em construir uma estrutura, mas em fazer, isto é, no conteúdo da própria ação (LEONTIEV, 1988, p.123).

Mesmo sabendo que naquele momento as crianças estavam voltadas para o “processo e não no resultado da ação”, que era a montagem do quebra-cabeça, aos poucos, e com muito diálogo e explicação da nossa parte, eles foram compreendendo a dinâmica da brincadeira, até finalizarmos o quebra-cabeça, para a alegria de todas as crianças.

Figura 5: vídeo “Galerinha de Arte de Massinha”



Fonte: vídeo Salvador Dali

Figura 6: Montagem dos quebra-cabeças



Fonte: Arquivo pessoal

Grupo 5 – Grandes olhos.

No primeiro dia fizemos uma roda de conversa para introduzir o tema, buscando, no diálogo, experiências que as crianças pudessem ter vivido enfatizando a ideia dos sonhos, do onírico, do inconsciente e também, a expressão espontânea contida nas obras surrealistas. No segundo momento, foi projetado o museu virtual da Casa Salvador Dalí (Figura 7), com intuito de mostrar alguns trabalhos e objetos pessoais de um dos artistas mais reconhecidos do movimento surrealista, além de sua fotografia.

Figura 7: Museu virtual projetado no quadro interativo



Fonte: Arquivo pessoal

Na sequência, conforme já foi pontuado, solicitamos que cada criança produzisse um desenho que representasse algum sonho que ela já tivesse tido (ou que sonharam acordadas). Destacamos nessa atividade as narrativas de duas crianças: a primeira se desenhou cozinhando com a avó (Figura 8) e a segunda, desenhou ela mesma deitada sonhando com o monstro (Figura 9). Importante destacarmos que na primeira situação, nos remetemos à brincadeira infantil que, segundo Leontiev (2010)

[...] surge a partir de sua necessidade de agir em relação não apenas ao mundo dos objetos diretamente acessíveis a ela, mas também em relação ao mundo mais amplo dos adultos. Uma necessidade de agir como um adulto surge na criança, isto é, de agir da maneira que ela vê os outros agirem, da maneira que lhe disseram, e assim por diante (LEONTIEV *apud* VIGOTSKI; LURIA; LEONTIEV, 2010, p.125).

A brincadeira pode ser identificada também no desenho da criança que se desenhou deitada em uma cama, pois logo acima dela vemos uma nuvem - que remete ao sonho/pensamento na linguagem das histórias em quadrinhos - e nela, a representação de um terrível monstro.

Figura 8: meu sonho - eu cozinhando com a minha avó Figura 9: meu sonho - eu sonhando com o



Fonte: Arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal

Durante essa intervenção foi possível perceber que a atividade de desenho no papel A4 deixou de ser algo comum e repetitivo (por mais que os materiais fossem os mesmos). Houve uma boa interação das crianças com as provocações feitas em sala, a mediação e o diálogo foram essenciais para que alcançássemos um bom resultado. Isso pode ser observado na roda de conversa, onde pudemos observar os desenhos das crianças e elas tiveram oportunidade de relatar seus sonhos e descrever seus desenhos (Figura 10).

Figura 10: Uma das crianças mostrando seu desenho para o restante da turma



Fonte: Arquivo pessoal

Na segunda intervenção, as crianças se mostraram um pouco dispersas e inquietas, interferindo na contação de história (Figura 11), mas conseguimos dar um tom mais descontraído ao deixarmos que falassem sobre as imagens que viam. Esse dia foi um pouco mais agitado, pois a atividade de colagem não era comum às crianças.

Mesmo assim, a intervenção com colagens (Figura 12) nas obras de Salvador Dalí ficou muito interessante e provocou diálogos potentes entre todos nós.

Figura 11: Contação de histórias
obra



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 12: Intervenção com colagens na



Fonte: Arquivo pessoal

Ao levarmos novamente a imagem de Salvador Dalí, alguns lembraram quem era, dizendo o nome dele e, em seguida, comentaram sobre o seu bigode, característica marcante do artista. Antes de começar a atividade, reunidas com algumas crianças já na mesa, elas questionavam o tamanho do olho de Dalí, diziam – Que olho ele tem! Assim começaram a reparar em outras pessoas em torno deles repetindo a mesma fala e questionando – Por que você tem o olho grandão assim? Percebemos que essas práticas, ou melhor, que dialogar com as crianças desperta nelas a imaginação, a criatividade e a curiosidade.

Encerrando as intervenções (no terceiro encontro), ao questioná-los perguntando sobre se gostavam de assistir a desenhos, todos falaram que sim e, a partir disso, começaram a ter uma boa interação. Ao passarmos a animação programada “A galeria de Arte de Massinha - Salvador Dalí” (Figura 13), as crianças ficaram a todo momento comentando o que acontecia, assim, fizemos uma roda de conversa e a maioria delas participou demonstrando interesse. Nesse contexto, explicamos que a última brincadeira seria a montagem dos quebra-cabeças das obras dos artistas surrealistas (aquelas que gostam de pintar sonhos!).

Finalmente, distribuímos os quebra-cabeças, as crianças brincaram juntas (Figura 14). Umhas tiveram dificuldades em partilhar, outras desistiram diante do desafio, pois para montar um quebra-cabeça é preciso ter paciência e cooperação. Ao final, elas ficaram entusiasmadas com o resultado da brincadeira.

Para encerrar as nossas propostas, realizamos um momento de conversa, no qual chamamos a professora para participar, perguntamos a eles se gostaram das atividades e pedimos para especificar a preferida, alguns responderam – tia eu gostei de todas! Outros disseram – Gostei da de colar!

Figura 13: A galeria de Arte de Massinha



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 14: Montagem do quebra-cabeça



Fonte: Arquivo pessoal

Finalizando...

Martins e Picosque (2012), ao abordarem os objetos propositores e a importância da mediação, trazem um trecho da fala da artista contemporânea Lygia Clark, que contempla uma considerável parte da discussão aberta no presente artigo:

Nós somos os propositores: nós somos o molde, cabe a você soprar dentro dele o sentido da nossa existência.

Nós somos os propositores: nossa proposição é o diálogo. Sós, não existimos. Estamos a sua mercê.

Nós somos os propositores: enterramos a obra de arte como tal e chamamos você para que o pensamento viva através de sua ação.

Nós somos os propositores: não lhe propomos nem o passado, nem o futuro, mas o agora (CLARK *apud* MARTINS; PICOSQUE, 2012, p. 87).

Apropriamos-nos da fala da artista para exemplificar o que queremos dizer quando acreditamos que é preciso buscar novas maneiras de mediar a Arte e nos reinventar, contemplando as demandas que nos forem surgindo. A escola precisa quebrar paradigmas e reavaliar a maneira de produzir conhecimento e de fazer com que as crianças se apropriem desses conhecimentos.

As crianças precisam de espaço de fala, e quem deve provocá-las, instigá-las, estando pronto a escutar e saber mediar é o professor, o qual precisa criar situações para que elas possam entender esse processo como algo inteligível e relevante de se praticar. É preciso abrir um espaço para a reflexão e para a crítica. Seremos propositores é também fornecermos meios para fortalecer a imaginação da criança e não deixar se perder conforme seu crescimento, cada vez mais acelerado. Como exemplo, ao levarmos o museu virtual, aquele ambiente diferenciado, informal, mostrar obras contidas nele, e pedir que desenhasse seus sonhos, constatamos que a nossa fala foi o estopim para que elas desejassem desenhar e contar para as outras crianças (ou para nós mesmas) o que haviam feito e também que nossa prática pedagógica foi enriquecida. Precisamos perceber a potencialidade das mídias e dos meios de comunicação em massa. Houve nesse instante a realização dos dois pontos que colocamos anteriormente: o diálogo e a imaginação, os quais só precisavam ser alimentados. Mas vale salientar que é vital que o professor domine a tecnologia para que possa redirecionar o trabalho, a fim de conseguir resultados positivos na aprendizagem.

Ao vivenciarmos presencialmente as práticas educativas, percebemos que elas se fazem essenciais para a construção e formação de saberes discentes, pois como discutido na revisão de literatura deste artigo, a preparação e disponibilidade em levar materiais e recursos diversos para as atividades que se pretende desenvolver na sala de atividades é eminente. Porém, ao colocarmos esses pensamentos em exercício, foi perceptível a dificuldade em inseri-las, visto que as crianças não eram habituadas a certas *práxis*, ou mesmo nas quais elas tinham o costume de brincar individualmente, sem mediação e provocações acerca do por que ou para que realizavam esses feitos.

Assim foi necessário que buscássemos reforçar, nos processos ocorridos, a prática de partilha e de escuta. Consideramos destacar que a diferença de idade de cada grupo fez com que as atividades se desenvolvessem com mais tranquilidade, demandando de nós certa maleabilidade em determinadas situações.

Por fim, reiteramos a importância de diversificar atividades e recursos para potencializar a imaginação, os mundos oníricos do/no ensino da Arte nas salas de atividades da Educação Infantil, pois elas são locais potentes para os sonhos das crianças.

Referências

BENJAMIN, Walter. **Espaços que suscitam sonhos, museus, pavilhões de fontes hidrominerais**. Revista do Patrimônio: Histórico e Artístico Nacional. Brasília: Iphan, n. 31, p. 133-147, 2005. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/RevPat31_m.pdf> Acesso em: 24 jun. 2019.

CUNHA, S. R. V. **Pintando, bordando, rasgando, desenhando e melecando na educação infantil**. In: CUNHA, S. R. V. da (Org.). Cor, som e movimento. Porto Alegre: Mediação, 1999. p. 7-36.

FOERSTE, Gerda. M. S.; FERREIRA, Sônia. M. O.; ULIANA, Dulcemar. P.P. **Cidades e infâncias: a criança vai ao museu**. Educação, Porto Alegre, v. 41, n. 2, p. 168-176, 2018. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/30545>> Acesso em: 24 jun. 2019.

LEONTIEV, Alexis. Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar. In: VIGOTSKII, Lev Semenovich; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alexis. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 6. ed. São Paulo: Ícone, 1988

MARTINS, Mirian; PICOSQUE, Gisa. **Objetos Propositores: A mediação provocada**. In: Mediação cultural para professores andarilhos na cultura. São Paulo: Editora Arte por escrito/Rioma Cultural. Content Stuff, 2012.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Educação infantil e arte: sentidos e práticas possíveis**. 2011. Disponível em <<http://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/320>> acesso em: 10 de abril de 2018.

VIGOTSKI, L.S; LURIA, A.R; LEONTIEV, A.N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 11^a. ed. São Paulo: Ícone Editora, 2010.

ZAMBUJAL, Isabel. **Laura e Lucas descobrem: Salvador Dalí**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2019.